

Apesar do novo ímpeto, o plano ainda não trouxe resultados concretos

, lançou sua agor
sa iniciativa para
r a crise da dívid
ses em desenvolvim

O governo norte-americano nunca antes se havia envolvido a esse nível no problema da dívida. No entanto, embora o sistema de Baker não seja exatamente o trabalho de um visionário, a maioria dos banqueiros e funcionários considera que o plano deu um novo ímpeto aos esforços para solucionar um problema que está ressurgindo rapidamente como uma ameaça à estabilidade econômica e monetária mundial.

Sete semanas depois, entretanto, a iniciativa de Baker ainda não produziu nada de concreto para auxiliar os países latino-americanos que lutam para pagar mais de US\$ 35 bilhões de débitos externos. Agora, o entusiasmo foi substituído por um sentimento de falta do mais vital e simples ingrediente: ímpeto.

Na superfície, o plano extremamente simples. Os bancos comerciais se comprometeriam a emprestar US\$ 20 bilhões nos próximos três anos aos países mais fortemente endividados, significando um incremento anual de 2,5% em seu comprometimento. Isto seria acompanhado por um volume líquido análogo de US\$ 20 bilhões nos empréstimos do Banco Mundial (BIRD) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

mento (BID), o que elevaria os níveis de empréstimos das instituições em 50%.

PLANEJAMENTO

Ao mesmo tempo, sob orientação do FMI, seria dada uma nova ênfase ao planejamento político nos países endividados, proporcionando maiores esperanças de crescimento e recuperação econômica.

O fato de não ter obtido aprovação irrestrita dos bancos, que terão de conti-

profundas dificuldades.

em profundas dificuldades econômicas, ficou claro desde o inicio. No entanto praticamente não se esperava uma resposta igualmente ambígua por parte dos países devedores e dos bancos de desenvolvimento, que agora se aproximam mais do centro da palco.

área de teste para a iniciativa Baker. As atenções centralizaram-se inicialmente no México, mas mudaram em seguida para Argentina depois que surgiram novos problemas econômicos, em consequência dos terremotos registrados em setembro no México.

*es, e o pre-
Mundial,*

sen, incluiu a capital em seu próximo itinerário.

COBAIA

No entanto, o governo da presidente Raúl Alfonsín tem-se mantido refratário e suas reservas contribuíram para tornar-se uma cobaia repercutiram entre os devedores. Suas divulgadas revelam três áreas principais de preocupação:

A primeira diz respeito ao significado do plano de Baker em termos de condi-

ções econômicas; a segunda é o fato de a iniciativa

soces protecionistas nos países industrializados; em terceiro lugar, o fato de que, diante desse panorama incerto, seria arriscado em termos políticos ser o primeiro país a experimentar o plano.

Os bancos comerciais também têm dúvidas. Pouco progresso foi obtido durante uma reunião das dezenas principais instituições credoras no final do mês passado, em Toronto, embora os canais básicos através dos quais o plano Baker poderia ser negociado e implementado estejam agora esclarecidos.

NEGOCIADOR

O grupo de Toronto, que evoluiu de um grupo de catorze bancos que se vinha reunindo há algum tempo

reunindo há algum tempo para discutir a crise da dívida, será o principal órgão negociador internacional, suplantando o Instituto para Finanças Internacionais sediado em Washington, que, segundo se pensava inicialmente, desempenharia um papel de destaque.

negociações com os devedores serem efetuadas através

da efetuadas através das atuais comissões bancárias de assessoramento, que vêm liderando as negociações sobre débitos desde a eclosão da crise, em 1982. Isto preservará a chamada política de caso por caso defendida firmemente pelos bancos, assim como pelo Tesouro norte-americano.

ções para sua participação.
Uma das principais preocupações diz respeito ao relacionamento entre o Banco Mundial e o FMI para a definição das condições da política econômica no estabelecimento de novos créditos. Como os governos devedores, os bancos comerciais não sabem o que realmente significa o novo estílo de ajustes econômicos.

GARANTIAS

Muitas instituições desejam também um incremento nas garantias legais vinculadas aos empréstimos conjuntos entre o Banco Mundial e os bancos comerciais. Mas o que importa à maioria dos bancos europeus é que os Estados Unidos demonstrem claramente um compromisso para com um aumento no capital do Banco Mundial. Embora tal incremento não seja necessário imediatamente, constituiria um importante gesto de boa fé.

bancos com
ém afirmam
nos também

governos também deveriam destinar mais recursos através de seus sistemas de garantias de créditos à exportação. Em outras palavras, temem que, a menos que sejam cautelosos, terão de suportar uma carga superior à que consideram justa no apoio aos países devedores.

os bancos não sejam forçados a manter provisões contra prejuízos com empréstimos, caso sejam compelidos a fornecer maiores créditos? O estabelecimento de um ou mais fundos mútuos não auxiliaria a manter os bancos de menor porte como inte-

menor parte como integrantes nos créditos, ou a iniciativa simplesmente não removeria dos bancos o poder de cisão sobre seus próprios empréstimos?